

8.02.08 - Letras / Literaturas Estrangeiras Modernas

## **A REALIDADE SEM AGUARDENTE E CERVEJA EM “O ALEGRE CANTO DA PERDIZ” DE PAULINA CHIZIANE**

Wellington M. de Carvalho<sup>1\*</sup>, Maria N. S. Fonseca<sup>2</sup>

1. Doutorando em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa na PUC Minas
2. PPGL / PUC Minas / Orientadora

### **Resumo:**

Este trabalho apresenta uma abordagem de alguns fragmentos do romance “O alegre canto da perdiz”, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, na perspectiva de considerá-lo um exercício de esteticização da vida cotidiana, denotando o brilhantismo de Chiziane em inculcar, em seu texto literário, elementos que possibilitem a veiculação de novas visões de mundo sobre a tão pouco conhecida incomensurabilidade do universo feminino da qual a própria escritora também faz parte.

**Autorização legal:** NÃO SE APLICA

**Palavras-chave:** Ficção moçambicana – crítica e interpretação, Literatura e neo-realismo, Mulher e poder – aspectos culturais.

**Apoio financeiro:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – PROSUP

**Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição:** NÃO SE APLICA

### **Introdução:**

A literatura, sobretudo num mundo cada vez mais orquestrado pela fugacidade nas relações, veicula um alerta para a necessidade, premente, de uma pausa nessa engrenagem e tessitura de projetos de rehumanização do que ainda resta de humano nas sociedades. Nesse contexto, o presente trabalho pretende refletir sobre o novo realismo que emerge de parte da produção literária da escritora moçambicana Paulina Chiziane, notadamente, em seu romance “O alegre canto da perdiz”.

Na esteira da crítica literária de São Tomé e Príncipe, Inocência Mata, é como se em sua trama romanesca Paulina embebece-se “um complexo cultural” moçambicano. Em alguma medida, a urdidura textual com a qual se constrói a narrativa do romance em discussão aproxima-se de uma escrita testemunhal, tal como problematizada por Seligmann-Silva.

Diante da “incomensurabilidade do real”, para retomar uma expressão de Márcio Seligmann-Silva, a prática do testemunho constituir-se-ia numa estratégia para reintegrar outras possibilidades de menção ao passado.

### **Metodologia:**

A análise desse romance de Chiziane retomou alguns aspectos dos contributos teóricos do professor de Literatura Hans Ulrich Gumbrecht (2006) sobre as fontes de experiência estética na vida cotidiana; do Márcio Seligmann-Silva (2010) sobre um tipo de escrita testemunhal; de Antonio Candido (2004) sobre a força da literatura para a rehumanização e de Afonso Medeiros (2012) sobre a relação entre arte, lixo e estética.

Essas operadores teóricos serão

colocados em diálogo com parte da reflexão de alguns críticos literários que se debruçaram sobre aspectos desse romance moçambicano, tais como, Inocência Mata (2007), Marli Maria Mendes (2009), Nataniel Ngomane (2008), Juliana Primi Braga (2010).

### **ResultadoseDiscussão:**

Chiziane esteticiza o cotidiano feminino uma vez que a ideia de uma estética do cotidiano, tal como apresentada por Medeiros (2012, p. 76), “se refere tanto ao ato criativo que se alimenta de elementos da vida diária quanto ao sentimento provocado por situações e objetos corriqueiros.”

De acordo com o *Posfácio* elaborado por Nataniel Ngomane (2008, p. 342) “é a partir de Serafina, mãe da Delfina que, por sua vez, é mãe da Maria das Dores e da Maria Jacinta, que se vai articulando toda a rede de personagens deste romance”. Estruturado “em trinta e quatro capítulos, a narrativa desenvolve-se com o narrador ora em primeira pessoa (Delfina), ora em terceira pessoa.

A loucura de Maria das Dores, filha de Delfina com José (o marido negro), é o que põe em atividade a memória da protagonista, trazendo à tona todos os conturbados acontecimentos que a encaminham à solidão, miséria e separação: os casamentos com José e Soares, o envolvimento sexual com o feiticeiro Simba e a separação dos filhos” (BRAGA, 2010, p. 207). O labor de Chiziane encena uma militância exercida por mulheres incomodadas, de diferentes maneiras, por uma condição pretensamente natural, conferida ao ser mulher.

Claro está que a narrativa, de grande fôlego, estrutura-se numa “urdidura textual” complexa e riquíssima em acontecimentos. Porém, este trabalho percorre alguns poucos fragmentos da obra tentando explicitar as gotas de realidade da trajetória, ambígua, de mulheres no enfrentamento cotidiano para a sobrevivência em um mundo pleno de assimetrias: de cor, de gênero, de pertença social, de relações de poder, de valores civilizatórios, etc.

Essa ambiência paradoxal potencializa-se no corpo da mulher, principalmente a negra. Seu organismo espacializa a vivência desses conflitos em doses generosas. Os agenciamentos que estas se vêem obrigadas a realizar chocam por sua aparente naturalidade.

Que espaço desgraçado é esse definido como de preenchimento obrigatório para a mulher nessa cultura encenada na narrativa? Pode-se assim considerá-lo alguém pertencente a outra cultura? Se sim, convém continuar. Entretanto, a perplexidade que as fatias de realidade do romance, nos fragmentos aqui discutidos veiculam, incitam a reflexões dessa ordem. São atraentes exatamente porque chocam. Conclamam a uma outra postura que propicie novos agenciamentos que se erijam no respeito à dignidade humana. Acredita-se que texto de Chiziane ilustraria o ideário do crítico literário brasileiro Antonio Candido em sua teoria sobre o poder humanizador da literatura.

### **Conclusões:**

Espera-se que as reflexões aqui apresentadas tenham demonstrado a pertinência de considerar o texto de Paulina como uma boa estratégia de estetizar, como sinalizava Gumbrecht, “energicamente ilhas e novos territórios não mapeados”, especificamente, reconstruindo novas figurações do universo do feminino nas sociedades moçambicanas.

O complexo cultural encenado no romance oferece um contraponto às imagens “coladas por preconceitos” amplamente veiculados pela comunicação social, como advertira Inocência Mata.

A urdidura textual aproxima-se da ideia de uma escrita testemunhal e, em Chiziane, em “O alegre canto da perdiz”, cria um outro local mais propício à vida, essencialmente demarcada pela efervescência de uma discursividade outra, aquela que grita que a mulher também é um ser humano digno, ainda que assim não queira uma parcela do tecido social.

## Referências bibliográficas

BRAGA, Juliana Primi. Entre dois mundos: um olhar sobre a loucura feminina nos romances *O alegre canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane e *A louca de Serrano*, de Dina Salústio. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, Belo Horizonte, n. 19, 2010, p. 205-213.

CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004. p. 170. Mimeografado.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**: romance. Lisboa: Caminho, 2008. 342 p. (Outras margens, 73).

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: CÉSAR, Guimarães; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos (Org.). **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 50-63.

MATA, Inocência. A literatura, universo da reinvenção da diferença. In: \_\_\_\_\_. **A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões**. Luanda: Nzila, 2007. Cap. 1. p. 81-92.

MEDEIROS, Afonso. Notas sobre arte, luxo, lixo, consumo e estética do cotidiano. **Revista Poiésis**, n. 19, p. 75-86, jul. 2012.

MENDES, Marli Maria. **Abraço utópico entre Logos e Sofia em romances de Paulina Chiziane**. 2009. 197 p. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.

NGOMANE, Nataniel. Posfácio. Maputo, 21 de

janeiro de 2008. In: CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**: romance. Lisboa: Caminho, 2008. 342 p. (Outras margens, 73).

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. **Tempo e argumento**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010.